

O BRINCAR NAS INFÂNCIAS CAMPONESAS EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA

THE ACT OF PLAYING ON AGRARIAN REFORM SETTLEMENT'S COUNTRYMEN'S CHILDHOODS

Maria do Socorro Xavier Batista¹

RESUMO

Este texto apresenta reflexões resultantes de uma pesquisa, em andamento, sobre a infância camponesa em dois Assentamentos na Paraíba, liderados pelo Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra – MST. Tem como objetivo conhecer e analisar diferentes olhares sobre as dimensões sociais e os aspectos da vida das crianças do campo, a partir do MST, das crianças, dos pais e educadores, com vistas a melhor compreender a infância camponesa e orientar as ações pedagógicas nas escolas do campo. Neste texto o objetivo é apresentar uma reflexão sobre o sentido do brincar e as brincadeiras vivenciadas pelas crianças dos Assentamentos, considerando que na investigação este tema se destacou como algo significativo na vida das crianças. A pesquisa apoia-se nos estudos da Sociologia da Infância e assume uma natureza qualitativa, utilizando diferentes procedimentos e técnicas de coleta de dados, dada a natureza da pesquisa com crianças. Realizamos encontros, oficinas com as crianças, observação, entrevistas com professores e pais e análise de documentos. Os resultados preliminares apontam que não obstante o brincar seja uma prática comum na infância há especificidades na vida e nas brincadeiras de crianças que vivem nos referidos assentamentos evidenciando que estão mais ligadas ao contato com a natureza, brincadeiras ao ar livre, subir em árvores, colher e comer os frutos, assim como as brincadeiras na escola, como espaço de uma maior socialização entre as crianças, possibilitando brincadeiras em que o contato físico entre as crianças está mais presente, o tocar, o abraçar, correr e pular é uma constante e se constitui numa grande diversão.

Palavras-chave: Infância camponesa. Educação do Campo. Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra.

ABSTRACT

The following text offers a glimpse on an ongoing research on the childhoods of inhabitants of two different settlements on the state of Paraíba, both

¹ Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PA, Brasil. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: socorroxavier@ce.ufpb.br

governed by the Rural Landless Workers Movement (MST). The research analyzes multiple points of view on the social aspects of children living in the country, including MST's, the children's, parents' and educators', seeking to better comprehend rural childhood and guide future pedagogical actions on rural schools. This paper's goal is to reflect on the meaning of play activities and games enacted by the children on these settlements, a subject perceived as a major factor on their lives. The research is based on Childhood Sociology studies and is of a qualitative nature, using varied procedures and techniques appropriate to the area. We have conducted meetings, workshops with the children, interview with the educators, documental analysis and observation. Preliminary results point towards unique manifestations of play activities amongst children living in these settlements, integrating social aspects with nature and wilderness elements. These activities mostly occur outdoors, including tree climbing, fruit picking and eating. Even on school grounds, games involving constant physical contact (such as touching and running, grabbing, hugging and piling up) result in their principal avenue of fun and satisfaction.

Keywords: Countrymen childhood, Rural Education, Rural Landless Workers Movement.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta reflexões resultantes de uma pesquisa sobre a infância camponesa em dois Assentamentos coordenados pelo Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra – MST, no município de Mari-Pb. A curiosidade investigativa com essa temática surgiu da necessidade de entender as crianças que vivem e estudam nas escolas do campo, também é fruto da necessidade de compreendermos a criança e seu universo social, lúdico, educacional, o que pensam da escola, da vida no campo, a partir de suas visões e percepções, tendo como horizonte ampliarmos nossa compreensão sobre a infância no campo com vistas a contribuir para repensar a escola na perspectiva da Educação do Campo e pensar propostas pedagógicas identificadas com os anseios das crianças, coadunando-se com o currículo na perspectiva da Educação do Campo, que enfatiza a construção de conhecimentos tendo como referência temas, questões ou problemas da realidade da comunidade onde a escola está inserida, trazendo elementos da cultura, da produção, das experiências cotidianas dos sujeitos do campo. Tal noção de currículo supõe a participação ativa e dinâmica de educandos e educadores,

possibilitando uma troca de saberes, de sentido e significado para a vida no campo (BATISTA, 2009).

Intencionamos compreender a infância, considerando as perspectivas sociais, os sentimentos, as emoções que as crianças expressam, como se dão suas relações na família, nas brincadeiras, no lazer e na escola. Como elas ocupam o tempo em que não estão na escola, com a intencionalidade de contribuir para repensar o projeto pedagógico das escolas. Também buscamos identificar os olhares de pais, educadores e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Na investigação empírica foram usadas diferentes estratégias metodológicas, técnicas e instrumentos de pesquisa tais como: análise de documentos do MST; observação; entrevistas com professoras e oficinas com as crianças.

Os sujeitos da pesquisa foram as crianças, os pais/mães e os professores/as. As crianças eram estudantes de 4º e 5º ano, com idades variando entre 09 e 12 anos, de duas escolas em assentamentos do MST, Tiradentes e Zumbi dos Palmares, no município de Mari-Pb. Foram entrevistadas duas professoras, um pai e duas mães.

Na investigação com as crianças usamos a estratégia metodológica da escuta sobre suas cosmovisões, suas brincadeiras, o que elas gostariam de estudar na escola, como elas vivem e o que pensam sobre a vida delas, o que fazem no dia a dia. A escola é utilizada como meio de aproximação, espaço de contato e onde realizamos ações que consistiram em oficinas lúdicas tratando de temáticas específicas, como por exemplo, as brincadeiras presentes em seu universo, a vida no assentamento, a escola. Analisamos as concepções proposições e ações do MST para a infância nos debruçando sobre documentos, materiais produzidos – cartilhas, revistas, jornais.

Neste texto apresentamos as brincadeiras e o brincar por ter sido um elemento destacado nas falas e desenhos das crianças e algo que ocupa parte considerável do cotidiano delas.

REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS ACERCA DA PESQUISA COM CRIANÇAS

Para entender as dimensões sociais da vida das crianças do campo optamos por uma reflexão teórica e metodológica apoiada

nos Estudos da Sociologia da Infância. Nessa perspectiva, as crianças são compreendidas como sujeitos sociais que agem, transformam e reinterpretam o contexto em que vivem. Luz (2008, p.11), define a Sociologia da Infância como “campo de conhecimento emergente, que tem como objeto de investigação as formas de organização e produção das crianças, enquanto atores sociais”. Essa autora também destaca outro aspecto dessa vertente sociológica:

Outro diferencial da sociologia da infância reside no reconhecimento da especificidade da infância, no seu lugar de etapa diferenciada da vida e ao mesmo tempo colocar a criança como um sujeito pleno, detentor de uma lógica própria e não menor ou menos elaborada que a do adulto (LUZ, 2008, p. 24).

Nesta pesquisa enfatizamos o estudo sobre a condição de ser criança, buscando compreender as condições sociais em que vivem as crianças do campo, a condição ativa e social na qual vivem e constroem suas histórias. Os estudos a respeito da infância no campo são considerados relativamente novos. O interesse em compreender a criança como autora da própria cultura e refletir sobre a sua participação ativa na construção de sua identidade só veio ganhar força a partir dos anos 1990, quando os movimentos sociais do campo começam a demandar educação para as populações do campo e quando ocorre o movimento em prol da Educação Infantil do campo.

A pesquisa sobre a infância envolvendo as crianças como sujeito e não apenas objeto da investigação impõe desafios ao pesquisador para repensar ou criar instrumentos e técnicas que possibilitem uma coleta de dados significativos e que envolvam as crianças no processo de investigação. Requer uma perspectiva metodológica qualitativa, quando o objetivo trata de compreender as visões ou olhares de crianças sobre a vida, a cultura, os jeitos de brincar, da infância no campo. Minayo (1994, p. 21-22) aponta quando a pesquisa qualitativa deve ser utilizada.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados,

motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Torna-se cada vez mais urgente o desenvolvimento de novos métodos de pesquisa com crianças, tendo em vista, a ineficácia dos métodos tradicionais, nos quais não se leva em consideração o protagonismo das crianças na construção da sua cultura, sua infância, seus saberes, suas histórias. Pouco se tem visto trabalhos em que a criança seja colocada em foco como autora de suas ações. A investigação adotou o método da pesquisa-ação, o qual conforme Thiollent (1986, p. 14),

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual o pesquisador e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Na definição de técnicas e procedimentos de pesquisa que permitam a livre expressão das crianças, as informações poderão ser captadas por fotografias, entrevistas, desenhos e textos, buscando destacar os dados da realidade considerados importantes e que se configurem relevantes para atender aos objetivos da pesquisa.

A pesquisa-ação se dá a partir de oficinas envolvendo atividades lúdicas, desenhos, brincadeiras. Para efetivar o conhecimento sobre as crianças do campo foram usados vários procedimentos, técnicas e instrumentos de pesquisa e linguagens tais como: observação, entrevistas, rodas de diálogo e oficinas de múltiplas linguagens na escola e fora dela, que constam de atividades de desenho, produção de textos sobre “como é a vida no campo” e o recurso da autobiografia das crianças – O livro da minha vida, onde as crianças são incentivadas a escrever e/ou desenhar suas histórias em cadernos distribuídos com um roteiro.

Na pesquisa com as crianças utilizamos os procedimentos de observação em sala de aula e nos intervalos do recreio. A técnica da observação possibilitou conhecer as vivências das crianças em sala de aula, nos espaços de recreação, na hora da merenda, como

elas se relacionam umas com as outras, com os professores e com os funcionários da escola. Observamos as crianças em seus espaços de sociabilidade fora da escola, na casa, em espaços coletivos como reuniões em que as crianças acompanham seus pais, festas entre outros e em oficinas que serão realizadas em turno alternado da escola, buscando estreitar o conhecimento sobre as crianças e criar uma aproximação fora da escola e nos desvincularmos da institucionalidade da escola.

Horn (2014) ao realizar uma pesquisa etnográfica com crianças sugere que é importante tornar-se uma figura familiar, criar um clima de interação e confiança com a participação ativa do pesquisador em diferentes situações vivenciadas pelas crianças e usar vários instrumentos.

[...] busquei nesta investigação escutar as crianças com seriedade, através de suas falas, mas também de suas brincadeiras, de seus desenhos e gestos, entre outras ações. Suas diferentes maneiras de expressão, como palavras, gestos, risos, choros, aproximações, distanciamentos, formas de brincar, jogar, suas produções gráficas, plásticas, corporais, suas imitações e seus conflitos, entre outras, podem significar algumas estratégias para o pesquisador compreender as culturas infantis e o seu modo de ser e de estar no mundo (HORN, 2014, p. 04).

Ramos (2012) destaca que o uso de técnicas mistas de entrevistas contemplando múltiplas linguagens das crianças tem sido utilizado por vários autores ao mobilizar a entrevista como instrumento de coleta de dados. Por isso, buscamos diversificar e buscar os instrumentos e técnicas mais aproximadas do universo infantil na tentativa de nos aproximarmos das crianças e melhor conhecermos dimensões de suas vidas. Por isso nos valem de estratégia diferente de entrevista.

Para conhecer as crianças a partir do ponto de vista delas mesmas, usamos um tipo diferente de entrevista que consistiu num caderno de perguntas que passou de mão em mão, o qual continha uma série de perguntas sobre a vida delas (o que gosta de fazer fora da escola, os amigos, como escolhe os amigos, o que considera importante numa amizade, o que gosta de fazer no campo, as

brincadeiras favoritas, o assunto predileto quando estão em turma, o que mais gosta e o que não gosta na sua escola, que mais gosta de comer, a melhor festa que já participou, o que vai ser quando crescer, o que não quer ser quando crescer, entre outras).

Ouvir os sujeitos é importante, mas com crianças é salutar a utilização de recursos lúdicos, que possibilitem criar um ambiente mais descontraído e de confiança entre as crianças e a/o pesquisador/a. É através do lúdico que a criança se comunica com o outro e consigo mesma. A ludicidade proporciona à criança o desenvolvimento integral, tornando-a capaz de estabelecer relações sociais e a construção de conhecimentos potencializando a sua aprendizagem de mundo.

O BRINCAR DA INFÂNCIA SEM TERRA EM ASSENTAMENTOS DO MST

O campo brasileiro é muito complexo em decorrência da estrutura fundiária que historicamente se formou, baseada no binômio latifúndio e relações de dominação e exploração, permeada de conflitos e contradições decorrentes dos diferentes projetos de sociedade e de campo que estão em disputa. As contradições geram conflitos e mobilizações que resultaram na organização de diferentes movimentos sociais que vem insistentemente questionando a estrutura fundiária e reivindicando reforma agrária assim como direitos negados às populações trabalhadoras do campo. As lutas camponesas têm ocasionado conquista de territórios para a agricultura familiar com os assentamentos e vários direitos sociais e trabalhistas.

A infância de crianças que vivem no campo em assentamentos rurais, especialmente do MST, guarda particularidades que se referem ao envolvimento com um movimento organizado, à luta pela terra, pois muitas delas ou vivenciam em acampamentos, ou vivenciaram ou tem uma memória viva da luta pela terra empreendida por seus pais. Essa memória também é vivificada em atividades desenvolvidas que rememoram a história dos assentamentos, na participação de eventos do movimento e, especialmente aqueles voltados para as crianças como o Encontro dos Sem Terrinha, que são promovidos pelo MST anualmente, os quais proporcionam momentos de socialização, de brincadeiras, atividades educativas, lúdicas, artísticas, de aprendizagens, de formação política, e atos políticos. As crianças de

assentamentos ainda participam de atividades políticas promovidas pelos movimentos sociais tais como caminhadas, passeatas, ocupações de prédios públicos, reuniões que são as estratégias de luta do movimento, nas quais participam toda família camponesa, juntamente adultos e crianças. Além de momentos coletivos no assentamento como assembleias, mutirões, encontros e reuniões.

Nesse contexto, descobrir o sentimento que as crianças têm pelo Assentamento se faz necessário quando se compreende que a infância não acontece apenas dentro da escola, mas também no convívio dos pais, amigos, toda comunidade e nos lugares em seu entorno, Corso (2009, p.193) se referia a esse assunto dizendo que a infância não se dá somente nas instituições, mas em todos os lugares, muito embora existam várias formas de se referir às crianças, sabendo que as mesmas vêm de contextos diferentes.

As crianças da pesquisa demonstraram gostar de viver no assentamento, 81% disseram gostam e 19% afirmaram que adoram morar. Morar no Assentamento foi evidenciado pelas crianças como algo positivo, pois, elas se referem ao lugar onde moram como muito bom, especial, bonito e cheio de árvores. Observa-se que elas realçam aspectos da natureza, a beleza da natureza. A organização é outro destaque. Em outra situação são referenciados aspectos ligados à segurança, não ter trânsito, ter liberdade de brincar e se locomover sem preocupação com violência, poder brincar de bicicleta e de cavalo.

Em relação aos motivos apresentados pelas crianças que as faziam gostar de morar no Assentamento, elas sempre se remetiam ao brincar, pois lá elas podem brincar no terreiro, ser livre para brincar e viver feliz, segundo elas. Em seus desenhos eles mostraram suas casas com janelas, enfatizando que das janelas de suas casas elas podiam olhar todo seu entorno com as plantas e animais.

Esse amor pelo lugar manifestado pelas crianças também aparece na fala da professora Nívea ao ser questionada se alguma criança da escola já havia falado em morar na cidade respondeu: – “Não, eu ouvi um comentário diferente de um aluno meu. Ele disse que a mãe ia ter de ir morar em João Pessoa e ele me falou que não queria ir porque gostava muito daqui. Disse isso com os olhos cheios de lágrimas”.

O MST é um movimento que além da luta pela reforma agrária também tem se dedicado às questões da educação, propondo e lutando pela garantia do direito à educação das populações do

campo, por um projeto educacional que respeite a vida, a cultura, as lutas e a identidade das famílias camponesas. A infância também tem sido objeto de atenção desse movimento que tem produzido materiais, cartilhas e cadernos voltados para as crianças e destacado a importância da brincadeira na infância das crianças Sem Terra. No Caderno de Educação Nº 12 do MST (2004, p. 30) o MST enfatiza a importância da brincadeira.

A brincadeira é muito importante no desenvolvimento da criança: ela não só é fonte de prazer, como de conhecimento. É o momento em que a criança exercita sua capacidade de sonhar, sentir, decidir, arquitetar, aventurar, agir, esforçando-se para superar os desafios dos jogos e brincadeiras, respeitando e recriando regras numa dinâmica de fundamental importância para o desenvolvimento infantil.

Embora seja uma das características das diferentes infâncias em diferentes gerações, o brincar para as crianças que vivem no campo tem suas especificidades conforme destaca Leite (1996, p. 4), alguns aspectos da vida da criança do meio rural.

A criança da área rural, por mim tomada aqui, brinca e se relaciona com seus pares ao mesmo tempo em que convive com seus outros papéis, suas funções dentro da comunidade familiar, o cumprimento de suas tarefas. Ela constrói e vive o hoje, vive a sua história. Ela vive a história da sua família, da sua comunidade, da humanidade e seus brinquedos são “um mudo diálogo simbólico entre elas e o povo (destaque da autora entre aspas, apud Benjamin, 1984, p. 70).

No entanto, por serem crianças elas têm o brincar como algo fundamental de suas vidas. O brincar é algo muito presente e importante na vida das crianças, ajuda no desenvolvimento psíquico e simbólico, podendo ser um canal de comunicação pelo qual elas expressam seus anseios, desejos, sentimentos, como afirma Friedman (2014, p. 95).

O brincar, assim como a arte, o movimento, a expressão plástica, verbal e musical, pode ser considerado

como uma linguagem, através da qual as crianças se comunicam, entre si e com os adultos. O brincar é um sistema de signos que representa, de forma inconsciente, a vida real, sob o olhar daquele que brinca (o jogo simbólico, por exemplo); o brinquedo ou os objetos utilizados no jogo, representam uma ponte, um meio de comunicação, a partir do qual designa-se uma realidade mais complexa.

Por meio das brincadeiras buscamos conhecer as visões das crianças sobre diversos aspectos de suas vidas, tendo em vista que é nas brincadeiras que elas expressam dimensões de seu mundo, saberes e vivências. Como Iza e Mello (2009, p. 288,) afirmam:

A criança representa, em suas brincadeiras, as vivências e interações com os adultos por meio de gestos e posturas em uma situação imaginária, por exemplo: ao imitar o adulto fazendo bolo, substitui o bolo “verdadeiro” por algum outro objeto, faz o gesto de abrir o forno, colocar o bolo e fechar a tampa gesticula, abrindo novamente o forno para retirá-lo, espera que esfrie, assoprando para comê-lo. Há todo um ritual de movimentos, gestos, posturas, condutas, palavras que simbolizam essa situação. Essa gama de movimentos experimentados por intermédio da brincadeira contribui para o desenvolvimento da criança.

A brincadeira compõe um universo de sentidos que abrange o lúdico, a imaginação, a diversão, a criatividade, habilidades cognitivas e motoras, e do ponto de vista da sociabilidade suscita valores como ressaltam Dominico e Lira (2014, p. 21).

É por meio da realização das brincadeiras que a criança, desde muito cedo, pode aprender a importância da cooperação, do trabalho em equipe, da organização, da ajuda mútua e do compartilhamento de objetos. Valores estes que acompanharão a criança no decorrer de toda a sua vida e a ajudarão a vivenciar momentos decisivos na infância e na vida adulta.

Procuramos conhecer as brincadeiras preferidas das crianças através da observação na hora do intervalo do recreio na escola, nas

oficinas realizadas com as crianças que trataram especificamente das brincadeiras e de outros temas e em visitas que fizemos nas casas para entrevistar os pais, onde tivemos oportunidade de observar as crianças brincando com irmãos no terreiro das casas, que nos dois assentamentos consiste numa área de um hectare. Essa distribuição espacial faz com que as casas sejam distanciadas umas das outras. O espaço da escola possibilita a socialização, a interação e as relações de amizade entre as crianças.

Na escola é no recreio que as crianças têm oportunidade de ter maior contato com seus pares, são momentos de aprendizagem e de viver em conjunto, conforme responderam no inventário de palavras. Nesse tempo, longe da supervisão direta de adultos e com mais liberdade, elas aproveitam para brincar, sendo o toca-toca ou pega-pega (um menino corre atrás dos outros até pegar alguém e então, este passa a ser o 'pega'), as brincadeiras preferidas, são o jogo de futebol, pula corda e polícia e ladrão. Também faz sucesso entre as crianças pequenas as bolinhas de sabão (uma criança faz as bolinhas e outras correm para estourar), pequenos grupos de crianças brincando de roda.

Observamos que em ambas as escolas o contato físico nas brincadeiras é uma constante. As crianças gostam de correr e pular umas por cima das outras. Muito frequente é uma espécie de abraço coletivo em que um grupo de crianças corre e em seguida se jogam umas por cima das outras e se abraçam formando uma pilha de crianças.

Na Escola Zumbi dos Palmares o pequeno e fechado pátio interno da escola é o local onde elas podem brincar, criar suas brincadeiras e se divertir com muita correria e agitação e extravasar toda a energia. Observamos que alguns meninos brincavam num recanto com um totó (um brinquedo em forma de campo de futebol com os jogadores dispostos em alavancas que podem ser movimentadas pelo menino e que movimenta os jogadores no campo como numa partida de futebol), alguns só observavam encostados na parede, enquanto a maioria corria atrás uns dos outros gritando e sorrindo muito e pareciam se divertir com este tipo de brincadeira. Tudo foi fotografado e filmado a pedido deles. Chamou nossa atenção a brincadeira que eles chamam de cavalinho em que uma criança é carregada nas costas de outra que sai correndo imitando o trote de um cavalo e a carrocinha ou carrinho de mão que consiste em

uma criança andar com as mãos enquanto outra segura seus pés e o impulsiona para andar.

Se o recreio é hora de brincar as crianças desenvolvem brincadeiras de acordo com as circunstâncias e o espaço que a escola possibilita e isso é fundamental na formação do sujeito social. Em todas as classes e grupos sociais a infância tem como marca fundamental a brincadeira, a imaginação, a fantasia, a diversão constitui o específico do ser criança, como destaca Kramer (2007, p.15).

Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância.

O futebol aparece como uma das preferidas pelos meninos, embora as meninas tenham demonstrado que gostam de jogar. Em uma das escolas constatamos que os meninos não gostam que as meninas joguem quando eles vão à quadra da escola. Para eles o futebol é um território exclusivo, onde só os homens e meninos devem praticar, constituindo-se num tabu para as meninas. Certo dia quando chegamos à escola as crianças estavam voltando da quadra e as meninas estavam muito chateadas e reclamando porque os meninos não tinham deixado que elas participassem do jogo. Quando os questionamos o porquê, eles nos responderam que as meninas não servem para jogar futebol, pois elas não sabem jogar e atrapalham o jogo deles. Tentamos conversar e convencê-los que as mulheres têm a mesma capacidade, ressaltamos a existência de campeonatos nacionais e internacionais de futebol feminino, que temos jogadoras premiadas como Marta, mas eles se mantiveram irredutíveis, o que demonstra uma visão machista que percebe as mulheres incapazes para o esporte.

Quanto às brincadeiras fora da escola as crianças falaram do quanto brincam ou gostam de brincar. Em certas brincadeiras se misturam meninos e meninas e em outras são separadas por sexo.

Muitas brincadeiras ocorrem na natureza, embaixo de árvores, subindo nas árvores colhendo frutos e comendo ali mesmo. Esse contato possibilita além do entretenimento, o conhecimento sobre as plantas, seus frutos. Além disso, como ressaltam Dominico e Lira (2014, p. 26).

O fato das crianças viverem em espaços mais abertos e amplos no campo colabora para que possam explorar melhor sua imaginação e criatividade, seu desenvolvimento motor, pois estes espaços convidam à realização de brincadeiras que envolvem maior movimentação corporal.

Na atividade de pesquisa *Caderno de Perguntas*, as crianças da Escola Tiradentes, principalmente as meninas, responderam que suas brincadeiras preferidas eram amarelinha, pula-corda, bonecas, toca (também chamada de pega-pega), futebol e escolinha. Quanto às brincadeiras que não gostavam elas falaram de brincadeiras de mau gosto, empurrar, barra bandeira e lutas. Na escola Zumbi dos Palmares os meninos em seus desenhos retrataram que gostavam de brincadeiras livres, principalmente com bola, tais como o futebol, vôlei, baleado e soltar pipa. Já as meninas demonstraram em seus desenhos gostar de uma maior diversidade de brincadeiras, peão, gangorra, baleado, bicicleta, casinha, mas a amarelinha e pula corda impera na preferência de todas.

Identificamos também que as crianças preferem as brincadeiras ao ar livre e na companhia de outras crianças e menos com equipamentos eletrônicos como vídeo game, tablet, celular ou computador, pois pouca interação com a tecnologia foi relatada por elas em nossos encontros. Elas brincam fora de casa nos terreiros das casas. Além disso, a natureza é retratada constantemente nos desenhos.

Assim como a cultura camponesa está diretamente ligada à terra e à natureza, as brincadeiras das crianças do campo estão muito relacionadas com a natureza, em campo aberto, subindo em árvores e pegando frutos para comer, tomando banhos em açudes e cachoeiras, com elementos da natureza como sementes, um pedaço de pau que vira cavalinho na imaginação. Em observação realizada em uma família vimos três crianças brincando no quintal à sombra

de fruteiras (cajueiros, mangueiras) jogavam bola, corriam, subiam nas árvores, colhiam frutos e saboreavam.

Como é típico das famílias camponesas os quintais são verdadeiros pomares com várias plantas frutíferas, como é o caso observado, que tem várias frutas típicas da região cajueiros, mangueiras, bananeiras, acerola, cajá, jaca. As crianças saboreiam as frutas e conhecem todas as plantas que lá existem, acumulando um conhecimento sobre a terra e o que ela produz, contribuindo para o enraizamento das crianças com a terra e com a cultura camponesa. O brincar está imerso na cultura. Como destaca Borba (2006, p.39).

(...) a brincadeira é um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. Representa, dessa forma, um acervo comum sobre o qual os sujeitos desenvolvem atividades conjuntas. Por outro lado, o brincar é um dos pilares da constituição de culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo.

A presença da televisão, dos jogos eletrônicos como vídeo game e tablet aparecem muito pouco nas citações das crianças nas atividades realizadas nas oficinas, apenas poucas crianças nas duas escolas disseram que gostam de jogar vídeo game e assistir televisão aparece sempre como algo com pouca ênfase. A grande maioria das famílias não tem internet em casa, apenas em aparelhos celulares. Presenciamos uma vez em uma das escolas que uma criança estava com um pequeno tablete brincando no recreio e causou grande curiosidade de várias crianças que ficavam em torno dela olhando com muita curiosidade. Supõe-se que talvez pela pouca presença dos aparelhos eletrônicos na vida das crianças elas brinquem mais ao ar livre, corram, andem de bicicleta, outros andem de cavalo ou cuidem dos animais. Também percebemos que em várias situações meninos e meninas quase não brincam juntos, especialmente no recreio.

A escola e as brincadeiras são espaços privilegiados de observar a socialização, as interações e as relações que as crianças

vivenciam. Elas constroem as relações de amizade, formam grupos, criam sua própria socialização, tem um modo de vida próprio da infância e desenvolvem uma cultura infantil própria na convivência entre colegas, amigos e vizinhos. Em uma atividade de pesquisa em que buscávamos saber o que as crianças pensavam da escola elas relatam o dia a dia, o quanto gostam da escola e da professora, mas o brincar aparece em quase todas as falas, nos mostrando a presença marcante da brincadeira na vida das crianças.

“Quando vou para a escola fico feliz. Chego cedo, dou um abraço na minha professora. Vou estudar. Quando termina vou pra casa e a tarde vou brincar. Acordo cedo e vou para a escola. E quando chego na escola dou um abraço na minha tia, lancho e vou pra casa comer e jogar bola. Dia após dia eu acordo para ir para a escola. Eu chego da escola e vou jogar bola com meus primos.”

As crianças convivem com adultos em vários espaços da vida: na família, na escola, nas festas e comemorações e em reuniões que fazem parte da organização social do assentamento. Essa imersão no contexto social de convívio com os adultos vai constituindo uma rede de socialização em que as crianças recebem influências da vida dos adultos, mas também desenvolvem seus processos de interação com seus pares e com isso constroem seu mundo e suas cosmovisões nessas diferentes convivências. Marques (2001, p. 104) salienta a importância do brincar para a criança.

[...] brincar é visto como uma questão ontológica, diz respeito aos princípios do existir e que precede a brincadeira. O brincar é tão fundamental quanto natural para a vida de uma criança e é por isso que ele é responsável por experiências importantes no desenvolvimento da mesma, pois media a sociabilidade entre elas, o aprendizado, a convivência e necessidade de regras dentro das brincadeiras.

Nas entrevistas com os pais e professores eles relatam as brincadeiras que fizeram parte de suas infâncias e algumas delas ainda são presentes no repertório de brincadeiras de seus filhos, especialmente aquelas de bola, pega ou toca, pular corda, esconder.

Muito embora algumas tenham passado por modificações ou recebido outras denominações. Entre eles predomina a unanimidade da importância do brincar para as crianças, como um aspecto orgânico da vida da infância e algo que possibilita o desenvolvimento da criança. Caminhar pelas propriedades vizinhas para colher (escondido) frutos dos pomares, tomar banhos de rio, de açude e de chuva, brincar de fazer açudes com as águas que escorriam durante ou após as chuvas foram citados como as brincadeiras e diversão dos pais que eles relembram com nostalgia e alegria. A professora Nívea da Escola Zumbi dos Palmares assim comentou sobre sua infância: "A minha infância foi muito boa. A família dos meus pais morava em um sítio de onde eles vieram. Então a gente brincava muito de subir em árvores, balanço, correr, banho de açude".

Entre as professoras também foi relatado o brincar de escolinha. Tanto elas brincaram como seus filhos brincam, refletindo e representando a experiência de trabalho presente em suas vidas.

O trabalho, entendido como ajuda e como processo educativo que contribui para a aprendizagem da vida e da lida com a terra e com as atividades da agricultura, da criação de animais é relatado como parte da experiência da infância dos adultos (pais e professores) e das crianças. Foram relatadas situações de trabalho de cuidar dos animais (levar os animais para pastorear, dar comida às galinhas e aos porcos), acompanhar os pais na época do plantio e assumir a tarefa de semear as sementes assim como participar da colheita. Mas entremeadas com as atividades laborais as brincadeiras também ocorrem, ou mesmo o trabalho ser considerado como um passatempo ou uma atividade que envolve o lúdico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa apontam que não obstante o brincar seja uma prática comum na infância em todos os lugares, há especificidades na vida e nas brincadeiras de crianças que vivem nos assentamentos pesquisados, que estão mais ligadas ao contato com a natureza, brincadeiras ao ar livre, subir em árvores, colher e comer os frutos. A escola, espaço de maior socialização entre as crianças, possibilita brincadeiras com foco na fisicalidade e contato pessoal, seja pelo toque, pelo abraço, o agarrar, correr e pular uns por cima dos outros é uma constante e se constitui numa grande diversão.

Outro aspecto destacado na pesquisa se refere à vida nos assentamentos ligados ao MST, nos quais ocorre a participação política ativa das crianças nas ações do movimento, tais como nas ocupações de órgãos públicos, caminhadas, encontros dos Sem Terrinhas que ocorrem anualmente, em reuniões que ocorrem nos assentamentos para discutir questões de interesse coletivo dos assentados.

Destacamos o quanto as crianças demonstraram que gostam do Assentamento onde moram. Os motivos que elas ressaltam são a tranquilidade, a vivência com a natureza, poder correr e andar de bicicleta, o convívio com animais, as brincadeiras ao ar livre em oposição à vida na cidade, que tem muito trânsito, tem barulho, onde não se pode brincar livremente na rua.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Formação continuada como mediação para inserir a educação do campo em assentamentos de reforma agrária. *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*. Vol. 4, número 6 jul-dez 2009. Disponível em: http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/pdfs/cad_pesq8/10_formacao_continuada_cp8.pdf Acesso em: 15/03/2014

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo, Summus, 1984.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo, In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p. : il.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CORSO, Rosane Frankiu; PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. A infância no MST: um estudo sobre as concepções de infância presentes no Movimento dos trabalhadores rurais sem terra. *IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR. 2009

DOMINICO, Eliane; LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. A infância e o brincar: o lugar da ludicidade na vida das crianças do campo. *Cadernos da Pedagogia*. São Carlos, Ano 8 v.8 n.15, p. 18-30, jul-dez 2014. ISSN: 1982-4440. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/669/259>. Acesso em: 02/02/2017.

FRIEDMANN, Adriana. *O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância*. Nepsid, 2014. Disponível em: www.nepsid.com.br. Acesso em 26/07/2016

GOBBI, Marcia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos em assentamento do MST: representações e diferentes modos de ver e sentir da infância do campo. In: *Infâncias do campo* / Isabel de Oliveira e Silva, Ana Paula Soares da Silva, Aracy Alves Martins (organizadoras). – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013. – (Coleção Caminhos do Campo).

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

HORN, Cláudia Inês. Pesquisa Etnográfica com Crianças: Possibilidades de Investigação no Contexto Escolar. *II Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança*. Pesquisa com crianças: desafios éticos e metodológicos. Porto Alegre. 2014. Disponível em: http://www.estudosdacrianca.com.br/resources/anais/1/1407615939_ARQUIVO_PESQUISAETNOGRAFICACOMCRIANCASUFRGS2014.pdf. Acessado em: 07/11/2015.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. Crianças do campo - os mudos da história? *Estudos Sociedade e agricultura*, 6, julho 1996: 170-191. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/seis/isabel6.htm>. Acesso em 17/05/2015

LUZ, Iza Rodrigues da. Contribuições da sociologia da infância à Educação Infantil. *Revista Paidéia*, 2008.

MARQUES, Walter. *Infâncias (pre) ocupadas: trabalho infantil, família e identidade*. Brasília: Plano, 2001.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

MST. Caderno de Educação 12. *Educação Infantil*. 2004, Disponível em: [http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/CE%20\(12\).pdf](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/CE%20(12).pdf). Acesso em 17/05/2015

RAMOS, Anne Carolina. Pesquisas com crianças: possibilidades e desafios metodológicos. *I Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança: perspectivas sociológicas e educacionais*. Universidade do Minho - Braga, Portugal, 2012. Disponível em: www.ciec-uminho.org/.../120Infância20e20pesquisa20com20... Acesso em 01/11/2015

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância*. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Associados ssociados. 1986 (Coleção Temas básicos de pesquisa-ação).

Submetido em Dezembro 2017

Aceito em Fevereiro 2018

Publicado em Maio 2018